

RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR: UMA PROPOSTA JUNGUIANA

PERES, Sílvia Lopes

Pedagogo, Mestre em Ciências da Religião e Acadêmico do Curso de Psicologia – FASU/ACEG
e-mail: silviosilvia@ig.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta, através de uma investigação bibliográfica, a proposta de Carl Gustav Jung (1875-1961) para a educação, no sentido de se compreender o fundamento do fenômeno ensino-aprendizagem, o qual só é possível quando educadores e educandos descobrem e vivenciam a relação arquetípica presente no inconsciente de ambos.

PALAVRAS-CHAVE: Carl Gustav Jung, ensino-aprendizagem, Pedagogia, Relação aluno-professor, Relação Arquetípica.

ABSTRACT

This article presents, through a bibliographical investigation the proposal of Carl Gustav Jung (1875-1961) for the education in the sense of understanding the foundation of the phenomenon teaching-learning, which is only possible when educators and students discover and live the archetypical relationship present in the unconscious of both.

KEYWORDS: archetypical relationship, Carl Gustav Jung, Pedagogy, student-teacher relationship, teaching-learning.

1. INTRODUÇÃO

A relação educador-educando tem despertado a atenção de pedagogos, psicólogos e outros estudiosos, na tentativa de compreender qual a relação destes com o fenômeno ensino-aprendizagem. O relacionamento educador-educando e vice-versa pode ser analisado em todos os contextos educacionais, a saber, nas salas de aulas, onde se trava a comunicação das disciplinas curriculares, bem como nos momentos informais dentro e fora das instituições de ensino e em todos os níveis: infantil, fundamental, médio, universitário e de pós-graduação. No entanto, alunos, pais, professores e funcionários dos estabelecimentos educacionais têm vivido em constantes tensões, quando o assunto é o relacionamento entre si. Qual o fator principal para que se dê o ensino-aprendizagem? A relação humana, tem alguma contribuição na construção desse fenômeno ou os métodos pedagógico-didáticos, são suficientes?

Para iniciarmos, consideremos a letra da música de Antonio Pecci Filho (1946), o Toquinho, “O Caderno”, composta em 1983.



“Sou eu que vou seguir você/Do primeiro rabisco até o be-a-bá./Em todos os desenhos coloridos vou estar:/A casa, a montanha, duas nuvens no céu/E um sol a sorrir no papel./Sou eu que vou ser seu colega,/Seus problemas ajudar a resolver./Te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver./Serei de você confidente fiel,/Se seu pranto molhar meu papel./Sou eu que vou ser seu amigo,/Vou lhe dar abrigo, se você quiser./Quando surgirem seus primeiros raios de mulher/A vida se abrirá num feroz carrossel/E você vai rasgar meu papel./O que está escrito em mim/Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer./A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer./Só peço a você um favor, se puder:/Não me esqueça num canto qualquer./Só peço a você um favor, se puder:/Não me esqueça num canto qualquer”. (PECCI, 1983)

Esta letra, expressa a presença da educação, representada no caderno, como recurso didático de anotação das diversas fases da vida humana “do primeiro rabisco até o be-a-bá”, referindo-se ao ensino infantil, até “quando surgirem seus primeiros raios de mulher”, referência clara aos outros ciclos: fundamental, médio, graduação e pós-graduação, que pode não se dar devido ao “feroz carrossel”, que levará a aluna a “rasgar meu papel”. Porém, o poeta não se esquece que a educação é um processo que pode ser retomado a qualquer momento, pois “vou seguir você”, enquanto “a vida segue sempre em frente”, e encerra com um apelo “só peço a você um favor, se puder, não me esqueça num canto qualquer”. Para o poeta, ainda, a educação é “prazer”, talvez indicando, um dos grandes desafios que a ciência da pedagogia tem à sua frente.

O “prazer” é vivenciado pelas pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem, isto é, no relacionamento que têm entre si. No caso do autor de “O Caderno”, conforme os dados biográficos que constam de sua página oficial na Rede Mundial de Computadores (INTERNET), o relacionamento humano foi a peça-chave para o aprendizado de violão, iniciado aos 14 anos de idade:

“(…) com Edgard Gianullo, enriqueceu conhecimentos harmônicos, e aprimorou esses conhecimentos em função da amizade com Oscar Castro Neves. O estilo de Baden Powell tornou-se irresistível ao então iniciante Toquinho, que, a fim de burilar a própria personalidade como violonista, buscou em Isaías Sávio a intimidade necessária com o violão clássico. Já compositor, fez um curso de orquestração com Léo Peracchi” (www.toquinho.com.br).

“Amizade com Oscar Castro Neves” – estimulou seus “conhecimentos”. Os exemplos dos mestres Baden Powell, Isaías Sávio e Léo Peracchi, ajudaram-no a “burilar a própria personalidade como violinista”.



O presente artigo é fruto de uma investigação bibliográfica, consulta realizada no acervo do autor, visando a sistematizar os dados referentes ao assunto. Os materiais foram selecionados com base nos seguintes critérios: pertinência ao assunto; confiabilidade da fonte e adequação ao objetivo da pesquisa. O objetivo geral do trabalho é descrever ainda que brevemente, algumas idéias de Carl Gustav Jung (1875-1961), sobre o tema proposto acima.

2. CONTEÚDO

No entanto, quando se trata, principalmente de amizade, uma diferenciação precisa ser feita entre o ambiente escolar e doméstico que educandos e educadores tem a respeito de si mesmos e das suas responsabilidades no processo de aprendizagem. Porém, ambos trazem para o âmbito da educação suas próprias experiências de vida, seus valores pessoais, seus limites como sujeitos a partir da relação de cada um consigo mesmo, isto é, com a realidade interior de cada um. Tal relação se dá com as expressões peculiares de cada um: o professor tem seu modo particular de ser professor, que expressa seus desejos em suas atitudes pedagógicas, que por outro lado, por parte dos alunos, também, trazem para a relação seu modo de ser. Nisto se dá o vínculo emocional e deste nasce a realidade social, política e pedagógica. Para CHAVES (2000) “na práxis pedagógica tudo começa na relação, se transforma na relação e conclui-se na relação”.

Nesse sentido, segundo Carl Gustav Jung (1983) a tarefa do professor não consiste apenas transmitir certa quantidade de conhecimentos, mas, a partir de seu relacionamento com os educandos servir-se de “exemplo” posto diante dos alunos, que são estimulados a seguirem seus passos. Para JUNG:

“Desde que o relacionamento pessoal entre o aluno e o professor seja bom, pouca importância terá se o método didático corresponde ou não às exigências mais modernas. O êxito do ensino não depende do método. De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimento, mas sim contribuir para que os alunos se tornem adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que o aluno termine o curso, mas se a escola conseguiu libertar ou não o aluno, como ser humano consciente de si próprio. Sem essa consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade e continuará sempre na dependência de terceiros e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar desconhecida e oprimida pelos outros” (JUNG, 1983, 60).



O relacionamento entre aluno e professor é bom à medida que aquele é levado a se adaptar melhor a realidade que encontra fora de casa e aprende a enfrentar os desafios que surgem à sua frente, levado a adquirir e assumir responsabilidade por si mesmo, e este quando se apresenta como “bom exemplo” de ter passado pelo mesmo processo, conforme pode ser verificado no exemplo do compositor Toquinho.

Neste sentido podemos chamar a relação educador-educando de relação arquetípica. A vivência do arquétipo educador e do arquétipo educando é a base da relação arquetípica. Podemos dizer que a relação educador-educando é uma relação arquetípica se levarmos em conta a definição de arquétipo, pois tal relação é vivenciada intensamente nas emoções de ambos, os quais levam para a relação uma disposição inata para agirem ora como educador, ora como educando. Desde muito tempo é assim – alguns se colocam no papel de educador outros no de educando, indicando com isso que há uma disposição natural e orgânica que constitui os humanos, isto é, há uma disposição inata para se comportar ora como um, ora como outro, dependendo da posição que se ocupa na relação, sendo assim, portanto, um arquétipo bipolar. Cercada de tantas emoções e historicamente comprovada, a relação educador-educando é arquetípica porque se podem verificar seus efeitos na vida de ambos, podendo ser positivos e negativos, quando se observa o fenômeno ensino-aprendizagem.

Segundo Jung:

“Arquétipos são sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções. São herdados junto com a estrutura cerebral – constituem, de fato, o seu aspecto psíquico (...) São, por definição, fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de modo que podem ser reconhecidas somente pelos efeitos que produzem” (JUNG, apud SHARP, 1996, pp. 28-29).

Na opinião de WENTH (2003) quanto maior for o reconhecimento de que os arquétipos influenciam na relação educador-educando melhor será a qualidade desta, pois se houver conscientização de sua influência trará como consequência “uma redefinição destes papéis, objetivando uma melhoria na qualidade do ensino”. Para a autora, esta influência se dá de modo inconsciente, isto é, sem que os entes



da relação saibam que estão sob a influência de um agente que constitui sua personalidade, porque é interno ou subjetivo.

Ao se referir que este arquétipo é bipolar considera-se, primeiramente, que o processo de aprendizagem é vivenciado pelo homem desde sua mais tenra existência. Ou seja, sempre existiram e sempre existirão pessoas que ensinam e pessoas que aprendem. Foi, é e sempre será vivenciado entre duas ou mais pessoas, como também, na experiência pessoal de cada um. Independentemente do papel assumido na relação, cada um traz consigo e dentro de si, este par de opostos. Tanto educador e educando são responsáveis pela aprendizagem, sendo que o educador é responsável por transmitir o conhecimento de tal maneira que o aluno o compreenda. E, o educando é responsável pela disposição em aprender. Segundo WENTH:

“(...) quando uma pessoa se encontra numa situação pedagógica o arquétipo do professor-aluno se constela: o aluno procura um professor exterior, mas ao mesmo tempo se constela o professor intra-psíquico. O mesmo com relação ao professor: ao ensinar para o aluno exterior também está constelado seu aluno intra-psíquico(...)”
“(...) num primeiro momento, o aluno está inconsciente de seu “lado” professor e o vivencia através da pessoa do professor, formando-se assim uma aliança pedagógica onde o professor encarrega-se da transmissão de seus conhecimentos ao aluno, além da manutenção de um clima favorável à aprendizagem(...)” “(...) espera-se que o professor tenha contato com seu “lado” aluno até para poder estar sempre aprendendo, se reciclando e também exercitando a empatia, se colocando no lugar do aluno e assim se tornando capaz de transmitir o conteúdo de forma que o aluno compreenda(...)”
(WENTH, 2003, p. 3, 4).

Quando este relacionamento intra-psíquico não é vivido pelos entes da relação educador-educando as consequências são negativas e o processo ensino-aprendizagem não acontece.

Para isto é necessário que cada elemento compreenda o que se passa em seu mundo interior. Quanto ao educador: se estiver distante do seu “aluno intra-psíquico”, considerando-se apenas “professor”, perceberá seu educando como dependente de si, ou que é dominador da matéria, e considerá-lo-á como aquele que “não aprende”. Para WENTH:

“Esses tornaram-se “professores e nada mais” e confrontam as crianças ignorantes quase como inimigos. Queixam-se que estas não sabem nada e não têm vontade de aprender; seus nervos ficam à flor da pele com a infantilidade e a falta de autocontrole dos alunos. Para



esse tipo de professor as crianças são o Outro, aquilo que ele próprio não deseja ser jamais; comprazendo-se em exibir seu poder...” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1978, apud, WENTH, 2003, p. 4).

Nada mais pernicioso para a relação educador-educando quando aquele perde a capacidade daquilo que pode ampliar seus conhecimentos, que é sua identidade educando, impedindo-o de estudar, pesquisar, enfim, aprender com entusiasmo, que gera prazer e satisfação em não só ensinar, como também de se relacionar com alguém que se encontra neste nível em sua existência.

O mesmo pode-se dar com o educando. Neste caso: o educador intra-psíquico deste, antes identificado apenas com o professor exterior, caso não atue ou seja reprimido, terá seu processo de aprendizagem prejudicado, porque não dará as contribuições necessárias ao processo, pois não saberá coordenar as várias disciplinas apresentadas pelo educador exterior. É esta relação intra-psíquica que proporciona entusiasmo e espontaneidade no processo de aprendizagem. E, quando o educando perde estes fatores que tornam a aprendizagem o veículo de alcançar novos horizontes que enriquecerão sua existência, este poderá apresentar duas características: ser desordeiro no ambiente pedagógico ou se tornar dependente demais, esperando tudo do educador exterior.

A relação educador-educando é uma via de duas mãos, onde cada um despertará no outro a relação intra-psíquica que precisam experimentar e manter viva, mas cada um fará isto partindo da relação que têm consigo mesmos, com sua contra-parte, isto é, o educador com o educando interior, e o educando com o educador interior. Na opinião de WENTH:

“Somente um professor que esteja em processo de aprendizagem é que pode levar/despertar em seus alunos a vontade de aprender. É somente com a criança interna ativa que podemos compreender a externa, e levá-la a se compreender. A ação pedagógica do professor interno é tão importante quanto a do professor externo no sentido de que, algo na psique do aluno deve cooperar para que ele aprenda, já que ele estruturará a informação a seu modo, fazendo um sentido para a sua vida” (WENTH, 2003, p. 4, 5).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente das propostas cartesianas e positivistas representadas por Piaget e Freud, por exemplo, a proposta arquetípica apresentada por Jung, pode representar a solução dos problemas com o ensino e a aprendizagem. Através de



um retorno à subjetividade, educadores e educandos redescobrem o significado da relação entre ambos, porque percebem que a mesma parte da relação que têm consigo mesmos. Tal proposta pode ser acusada de ser anti-racional, por não propor nenhum método, e a razão principal para isso é que se trata de uma proposta inovadora, ainda a ser testada. Quem se habilita?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAVES, M. E. **Educação e Psicanálise**. http://www.cpmg.org.br/artigos/educacao_psicanalise.pdf> 2002. Acesso feito 26/09/09
- JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SHARP, D. **Léxico Junguiano**: Dicionário de Termos e Conceitos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WENTH, R. C. **Psicologia Analítica e Educação**: Visão Arquetípica da Relação Professor-Aluno. <<http://www.symbolon.com.br/artigos/psicoanalitica.htm>> 2003. Acesso feito em 24/03/09
- Site Oficial do Toquinho - <<http://www.toquinho.com.br/>> Acesso feito em 23/04/09.

